

INFÂNCIAS, MÍDIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REFLEXÕES ACERCA DO SHOW DA LUNA ENQUANTO PEDAGOGIA CULTURAL CONTEMPORÂNEA

Liliane Madruga Prestes¹
Viviane Madruga Cunha²

Resumo: O objetivo deste estudo foi investigar os conteúdos veiculados no desenho animado Show da Luna enfocando o potencial da mídia no âmbito do ensino de ciências na Educação Básica e na abordagem das relações de gênero. A metodologia inclui a revisão de literatura a partir do mapeamento de pesquisas realizadas por autores/as que abordam tal temática, entre os/as quais citamos Belloni (2009), Setton, (2010); Buckingham (2007); Wortmann (2001, 2007, 2008), Silveira (2007, 2008), Fischer (2007), entre outros/as. Paralelo a isso, inclui o levantamento e análise dos conteúdos, em particular, relacionados a área de Ciências da Natureza e as relações de gênero presentes nos episódios da 1ª temporada. As análises preliminares destacam o caráter inovador do Show da Luna haja visto que é um desenho brasileiro no qual a protagonista é uma menina que busca aprender e produzir conhecimentos, em particular, no âmbito das ciências da Natureza. Além disso, a personagem Luna rompe com a hegemonia de personagens femininos pautados nos padrões estéticos das princesas da Disney difundidas e referendadas por uma parcela expressiva de meninas, em escala global. Cabe ressaltar ainda o quanto tal artefato (articulado a outros tais como filmes, música, etc.) opera enquanto pedagogia cultural e de gênero atuando na difusão de conhecimentos da área de Ciências da Natureza e na propagação de determinados padrões heteronormativos. Neste enfoque, destacamos a potencialidade educativa da mídia bem como a necessidade de que os/as educadores/as se apropriem dos conteúdos disponibilizados e acessados por crianças a fim de aprofundá-los e/ou problematizá-los.

Palavras-chave: Infâncias; mídia; Ensino de ciências; pedagogias culturais.

Childhood, media and scientific dissemination: Reflections on the Luna Show as contemporary culture pedagogy

Abstract: The objective of this study is to map the contents conveyed in the Luna show cartoon focusing on the potential of the media in the field of science education in Basic Education and in the approach to gender relations. The methodology includes a review of the literature based on the mapping of researches carried out by authors that address this theme, among which we mention Belloni (2009), Setton, (2010); Buckingham (2007); Wortmann (2001, 2007, 2008), Silveira (2007, 2008), Fischer (2007), among others. Parallel to this, it includes the survey and

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. lilimprestes@gmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre. annvcunha@yahoo.com.br

analysis of the contents, in particular, related to the area of Natural Sciences and the gender relations present in the episodes of season 1. The preliminary analyzes highlight the innovative character of the Luna Show since it is a Brazilian drawing in which the protagonist is a girl who seeks to learn and produce knowledge, in particular, within the scope of the natural sciences. In addition, the character Luna breaks with the hegemony of female characters based on the aesthetic standards of Disney princesses spread and endorsed by an expressive share of girls on a global scale. It is also worth noting how such an artifact (articulated with others such as films, music, etc.) operates as a cultural and gender pedagogy working in the diffusion of knowledge in the area of Natural Sciences and in the propagation of certain heteronormative patterns. In this approach, we highlight the educational potential of the media as well as the need for educators to appropriate the content available and accessed by children in order to deepen and / or problematize them.

Keywords: Childhood; media; Science teaching; cultural pedagogies

INTRODUÇÃO

*“♪♪ Eu quero saber/
Por que o gato mia?/
Verde por fora/Vermelho por dentro
/É a melancia! ♪♪
Eu quero saber/
Não quero dormir/
O que está acontecendo?/
Eu vou descobrir! ♪♪”*

A presente investigação enfoca a potencialidade do desenho animado Show da Luna enquanto pedagogia cultural na produção e difusão de conhecimentos na área de Ciências da Natureza e para a promoção do protagonismo feminino. Para tanto, num primeiro momento buscamos subsídios teóricos a partir de estudos realizados por autores/as sobre tal temática, entre os/as quais, citamos Belloni (2009), Setton (2010), Buckingham (2007), Silveira (2007, 2008), Felipe (2008), entre outros/as. A metodologia adotada constou de análise de conteúdos veiculados em episódios da 1ª temporada do desenho animado Show da Luna, os quais estão disponibilizados na internet. A escolha de tal artefato está pautada no fato de que é um dos conteúdos mais acessados pelas crianças brasileiras na internet, tendo como personagem principal uma menina de 06 anos. Aliado a isso, o fato de ser produzido no Brasil contribui para contrapor a hegemonia cultural produzida

pela globalização dos desenhos da Disney, nos quais as personagens femininas, em sua maioria, são princesas e/ou coadjuvantes.

A pesquisa está articulada aos estudos e debates que vêm sendo realizados no decorrer do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia - Campus Porto Alegre (IFRS/POA). Tal temática está inclusa na formação inicial, por exemplo, no componente curricular de *Mídias e divulgação científica*. No que se refere ao protagonismo feminino no ensino de Ciências, tal debate está inserido nas discussões sobre gênero e educação desenvolvidas ao longo da licenciatura incluindo os estudos desenvolvidos junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Sexualidade (NEPEGS) do Campus. Além disso, no âmbito do ensino, buscou fomentar o debate e promover subsídios para incrementar as ações desenvolvidas no âmbito dos Projetos Integradores, estágios curriculares do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza ofertado pelo IFRS - Campus Porto Alegre.

INFÂNCIAS, MÍDIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REFLEXÕES ACERCA DO SHOW DA LUNA ENQUANTO PEDAGOGIA CULTURAL CONTEMPORÂNEA

No contexto brasileiro atual, o relatório produzido pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (Brasil, 2016) revela que entre as atividades mais realizadas pelas crianças na internet está assistir filmes ou séries. De acordo com tais dados, cerca de 63% de um total de 23.380.494 usuários da internet estão na faixa de 9 a 17 anos (dados coletados no período de novembro de 2015 e junho de 2016.) e atividade principal que usam na rede é o acesso a vídeos, incluindo animações e filmes. Já no que se refere a divulgação científica, a pesquisa realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) evidenciam que o uso da rede tem sido o principal meio utilizado pela população brasileira para obter informações referentes a ciência e a tecnologia. O levantamento revela ainda que o uso da internet e das redes sociais como fonte de informação sobre Ciência e Tecnologia dobrou entre 2006 e 2015 passando de 23% para 48% (BRASIL, 2015, p.6).

Diante a realidade acima apresentada, o foco deste estudo foi a análise dos conteúdos veiculados no desenho animado Show da Luna, lançado em 2014 e divulgado através do canal de vídeos no Youtube⁴. Tal animação foi criada no Brasil por Célia Catunda e Kiko Mistrorigo, os mesmos de “Peixonauta” e atualmente está sendo comercializada e divulgada em outros 74 países. Cabe destacar que o Show da Luna foi lançado inicialmente nos Estados Unidos, com a versão em inglês (“Earth to Luna”) sendo exibido pela primeira vez em agosto de 2014 e, posteriormente, em outubro do mesmo ano passou a ser veiculado no Brasil. Até meados de fevereiro de 2017, os episódios da 1ª temporada contabilizavam mais de 230 milhões de visualizações. A personagem principal é uma menina de 06 anos de idade que se chama Luna. A garotinha adora ciências e acredita que a Terra é um enorme laboratório onde pode fazer diversas descobertas. Para tanto, conta com a companhia de seu irmão mais novo, o Júpiter, de 04 anos e de Cláudio que é um furão (animal de estimação da família).

Imagem 1 - Show da Luna



Líder de audiência em um canal infantil e criada no Brasil, Luna é o fenômeno infantil da vez (Foto: Divulgação)

Fonte: Portal G1

⁴ Cabe destacar que até fevereiro de 2017, os episódios da 1ª temporada totalizavam mais de 230 milhões de visualizações. Disponível em <https://www.youtube.com/user/OShowDaLuna> acessado em 28/01/2017.

Em decorrência do sucesso na internet, os episódios passaram a ser apresentados também na televisão (tanto em canais abertos tais como o Canal TV Educativa e de assinantes/pagos como o Canal Discovery Kids). Os criadores da animação faturam com o licenciamento e ampliação dos acessos na internet e televisão, como também pela proliferação de produtos que usam a logomarca do Show da Luna (jogos eletrônicos, livros, revistas, boneca, agendas, cadernos, etc.). Tal processo coloca em evidência o que Bryant (2009, p.41) denomina de multimídia, ou seja, o consumo simultâneo de múltiplas mídias, as quais estão cada vez mais integradas e inter-relacionadas.

Imagem 2: Produtos licenciados - Show da Luna



Fonte: Internet (Google - imagens)

Ao analisar a trajetória das transformações no conceito de mídia e sua articulação com o campo da educação, a pesquisadora Belloni (2009) cita como marco de tais debates a realização da Conferência Internacional “Educando para as mídias e para a era digital” promovida pela UNESCO em 1999 na cidade austríaca de Viena. Quanto aos objetivos propostos, a autora destaca que não foram efetivados pelos países participantes da conferência. Dando continuidade a tais debates, no ano de 2007 foi realizada a Conferência de Paris, a qual trouxe avanços reais notadamente quanto à ênfase no papel dos sistemas educacionais na promoção da mídia-educação destacando a necessidade de inclusão da temática mídia-educação na formação inicial de docentes.

Pela primeira vez, nos documentos oficiais internacionais deste tipo, aparece entre as principais recomendações a prioridade ao ensino formal, como espaço privilegiado de ações de mídia-educação, à formação inicial de professores (condição *sine qua non* de realização desta prioridade) e à pesquisa integrada ao estudo de inovações pedagógicas (e não mais a estudos de recepção de mídias, de especialistas da comunicação). (BELLONI, 2009, p.1097-1098).

Nesta mesma perspectiva teórica, Setton (2010) destaca o quanto o conceito de mídia é abrangente e engloba os meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação- rádio, televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema. Segundo a autora,

Além disso, engloba as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, DVDs, CDs, TV a cabo ou via satélite e, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações - computadores e redes de comunicação. (SETTON, 2010, p.14).

Entre as mídias contemporâneas, presenciamos a proliferação de inúmeros de sites, blogs, jogos, vídeos, redes sociais, entre outros, os quais são compartilhados mundialmente através da internet, conectando diferentes povos e culturas, configurando o que Castells (1999) denominou como a sociedade em rede. Para contextualizar a temática é interessante destacar que a internet surgiu a partir de disputas por poder e em pleno cenário de guerra fria, em meados da década de 50 do século XX. Num primeiro momento, a rede virtual foi utilizada pelos governos das duas potências mundiais da época, a saber, a União Soviética e os Estados Unidos, os quais disputavam o poder mediante a potencialização de seus arsenais bélicos principalmente por intermédio do controle no fluxo de informações. Posteriormente, o uso de tais tecnologias passou a ser disseminado pelo mundo inteiro, passando o acesso à informação ser a realizado em tempo real, independentemente das distâncias entre os povos.

Contrapondo-se a lógica da linguagem utilizada na programação e configurações das bases de dados da internet que consiste na base binária de combinações de dígitos, a presente investigação tem como embasamento teórico os estudos culturais, os quais propõem a ruptura de binarismos. Romper tal paradigma implica nos desvencilharmos de algumas dessas “verdades” construídas no decorrer de nossas próprias trajetórias enquanto pesquisadores/as, professores/as, estudantes. Tal ambiguidade é recorrente

quando o foco é a repercussão decorrente da propagação da internet, cujos resultados são demarcados por uma ambivalência de opiniões. De um lado, atribuem-se às novas tecnologias um enorme potencial positivo, especialmente no que tange à aprendizagem; de outro lado, elas são frequentemente vistas como prejudiciais àqueles que se consideram vulneráveis. Diante de tal cenário somos desafiados/as a resistirmos à tentação de buscar respostas e compreendermos que nossos conhecimentos são provisórios e requerem a problematização dos conceitos com os quais operamos.

No campo educacional, em particular, considerando que o artefato é destinado ao público infantil, os estudos desenvolvidos por Buckingham (2007) fornecem subsídios para a compreensão de alguns conceitos. Tal autor cunhou o termo infância multimídia a fim de designar a geração de crianças que desde o nascimento convive diariamente com uma variedade de artefatos (telefone celular, jogos eletrônicos, entre outros). Estes artefatos estão presentes no cotidiano e acabam disputando espaços nas prateleiras das lojas juntamente com os brinquedos destinados ao público infantil. Como consequência, as crianças demonstram certa facilidade para operar com as mídias eletrônicas que, não raras vezes, estão presentes antes mesmo do nascimento, como no caso dos diários de bebês virtuais, blogs e páginas pessoais elaboradas pelas famílias. Em decorrência da ampliação dos mecanismos de difusão da informação e comunicação ampliam-se as normas de controle e disciplinamento de questões voltadas ao corpo e a sexualidade enquanto formas de governo dos corpos e dos sujeitos.

Outro termo utilizado para denominar a infância multimídia é cybers-infâncias, cunhado por Dornelles (2005) para enfocar o quanto muitas crianças, desde a mais tenra idade, já estão imersas em todo um aparato tecnológico, dentre os quais as mídias eletrônicas, em particular, a internet. Em tal contexto, torna-se desafiador entender de que forma tais infâncias são produzidas, uma vez que os denominados cyber-infantes escapam da vigilância e do controle dos adultos. Isso decorre do fato de que muitas crianças vivem sob a égide da sociedade midiática possuindo, não raras vezes, maiores domínios sobre o uso dos inúmeros artefatos tecnológicos, inclusive das formas de burlar os mecanismos de controle e vigilância impostos pelos adultos.

Entre as potencialidades pedagógicas do Show da Luna destacamos a possibilidade de rompermos com as representações sociais sobre ciência e o/a cientista. Em seus estudos, Castelfranchi (et al. 2008, p.17), a partir da escuta das crianças, constataram o quanto tais representações acabam sendo

padronizadas a partir das pedagogias culturais e de mídia nas quais as crianças estão imersas.

t.

Os desenhos das crianças mostram, em muitos casos, o cientista como figura construída a partir do imaginário midiático, inspirada no cinema de Hollywood, nos programas de TV, nos quadrinhos. Dinossauros, naves espaciais, Harry Potter, Frankenstein, Pokémon, viagens no tempo aparecem com grande frequência na descrição do ambiente no qual esse cientista “de conto de fadas” vive e atua. O cientista, quando colocado num contexto fantástico, é uma figura estereotipada: tende a ser um homem, branco, ocidental, de jaleco (“como posso desenhá-lo sem tê-lo visto?”), comentam algumas crianças; “Fácil: bota nele um jaleco branco!”, respondem outras), de óculos (“tem que observar muito/estudar muito”), que vive num laboratório protegido por grandes portas trancadas.

Imagem 3 - Franjinha - Turma da Mônica *Fonte: Site da Turma da Mônica⁵*



No caso dos desenhos animados, em geral, os cientistas são personagens masculinos e que usam um jaleco branco. Exemplo disso é o caso da Turma da Mônica, desenho produzido no Brasil e mundialmente conhecido, no qual o cientista é representado pelo personagem Franjinha.

⁵ Franjinha é um personagem fictício da Turma da Mônica, criado em 1959. Ele adora principalmente o mundo da Ciência, sempre fazendo experiências, e às vezes quando os quatro personagens da turma: Mônica, Cebolinha, Cascão, ou Magali, ou até mesmo os outros personagens da turma pedem alguma coisa/invenção criada por ele, sempre o procuram. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Franjinha> acessado em 01/04/2018.



Além disso, não raras vezes, as personagens que representam os cientistas, além de serem personagens masculinos, não raras vezes acabam sendo rotulados como loucos, solitários, extravagantes e/ou lunáticos. Tais representações acabam produzindo concepções da ciência como algo inacessível e dos cientistas como sujeitos que vivem trancafiados em laboratórios. Neste enfoque, uma das motivações para a escolha de tal artefato para a pesquisa foi o fato de que a protagonista é uma menina de seis anos, o que nos remete a analisar em que medida tal artefato atua no rompimento de padrões heteronormativos. Aliado a isso, o fato de ser produzido no Brasil, também remete a problematizar a relevância de tal artefato que se contrapõe a hegemonia cultural produzida pela globalização dos desenhos da Disney. Em tais histórias, difundidas mundialmente, as personagens femininas, em sua maioria, atuam como coadjuvantes (princesas indefesas ou a espera de um príncipe).

As análises realizadas oferecem subsídios para problematizarmos e rompermos com a invisibilidade das mulheres na ciência, o que é ressaltado por Silva (2012) em seus estudos. Tal afirmativa está pautada no fato de que a personagem principal é a menina Luna, a qual atua como protagonista na difusão da ciência. Este é um dos aspectos inovadores do artefato, uma vez que rompe com o paradigma patriarcal enfatizado por Walkerdine (1999) em seus estudos sobre a aprendizagem de conceitos matemáticos. Tal paradigma está presente em muitas estratégias disciplinares da sociedade atual. Podemos observar, por exemplo, que jogos de raciocínio, experimentos (laboratório de ciências) estão nas prateleiras classificados como “brinquedos de meninos.” Isto também é evidenciado nos jogos disponibilizados na internet como destacado na pesquisa desenvolvida por Prestes (2014).

Outro aspecto que merece atenção é o fato de que a música introdutória dos episódios inicia com a frase: *Eu quero aprender!*, ou seja, demonstra o potencial educativo das mídias. O fato de ser uma criança de seis anos também evidencia a importância da escuta das crianças e do seu protagonismo enquanto sujeitos inseridos num determinado contexto histórico e cultural. Neste enfoque, remetemos aos estudos realizados por Wortmann (2008, p.145), a qual destaca que,

[...] os Estudos Culturais da Ciência nos alertam de que as compreensões que temos da ciência e seus temas não são apenas construídos nos discursos acadêmicos e escolares sobre a ciência. Elas também se processam nos discursos da propaganda, da medicina, do turismo, da economia de mercado, entre tantos outros construídos/instituídos, e circulantes nas diferentes instâncias da cultura as quais muitas sociedades contemporâneas

têm acesso, bem como seus produtos. [...] Nesse processo se dá a invenção social das opções e de muitas regras que passam a gerir nossas vidas e, também, todas as proposições do currículo escolar.

Na continuidade das análises, compartilhamos e ressaltamos a recomendação proposta pela autora aos educadores/as, em particular, ao enfocar o processo de ensino-aprendizagem de ciências, a saber:

[...] Minha última recomendação será, então, de que nós professores/as, atentemos, também, para o que se diz sobre os temas que referi, nos filmes, nas revistas, nas enciclopédias, nos programas educativos elaborados pelas indústrias, nos programas de prevenção de doenças produzidos pelos Ministérios da Saúde e Educação e outros, na literatura infanto-juvenil e até mesmo nos enredos das escolas de samba que desfilam durante o carnaval, já que todas essas produções culturais, mesmo sem estarem voltadas diretamente à escola, atuam como pedagogias culturais que têm efeitos tanto sobre as identidades dos sujeitos que lá estão, quanto sobre as práticas que lá se instauram e sobre as temáticas que lá são discutidas. E elas atuam também, igualmente, na produção discursiva de tais temas (WORTMANN, 2008, p.145- 146).

Logo, cabe questionarmos: O que as crianças estão aprendendo acerca de ciências da natureza a partir da análise dos conteúdos veiculados no Show da Luna? Como tais conhecimentos podem ser problematizados e/ou aprimorados no âmbito das práticas educativas escolares?

Entre os desafios postos a educação escolar, a pesquisadora Belloni (2009) chama a atenção para o fato de que, no âmbito da formação inicial e continuada de docentes é necessário nos apropriarmos dos conteúdos, redes e conexões (re) produzidos nas e pelas tecnologias da informação e comunicação. A apropriação de tais conhecimentos pelos docentes da Educação Básica está prevista nas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Docente (Brasil, 2015), as quais definem que

Art. 5º A formação de profissionais do magistério deve assegurar a base comum nacional, pautada pela concepção de educação como processo emancipatório e permanente, bem como pelo reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como expressão da articulação entre teoria e prática e à exigência de que se leve em conta a realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e da profissão, para que se possa conduzir o(a) egresso(a):
[...]

VI - ao uso competente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o aprimoramento da prática pedagógica e a ampliação da formação cultural dos(das) professores(as) e estudantes;

VII - à promoção de espaços para a reflexão crítica sobre as diferentes linguagens e seus processos de construção, disseminação e uso, incorporando-os ao processo pedagógico, com a intenção de possibilitar o desenvolvimento da criticidade e da criatividade;

VIII - à consolidação da educação inclusiva através do respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, entre outras. (BRASIL, 2015, p. 5).

Neste aspecto, ao focar a relação entre mídias e práticas pedagógicas, Fischer (2007) destaca

Talvez um dos trabalhos pedagógicos mais revolucionários seja o que se refere a uma ampliação do repertório de professores, crianças e adolescentes, em matéria de cinema, televisão, literatura, teatro, artes plásticas e música. Pesquisar e montar videotecas, alugar vídeos e DVDs com materiais selecionados, diferenciados daquilo que se vê cotidianamente e que circula na grande mídia, parece-me fundamental para educar olhos e ouvidos, educar a alma, de modo que o pensamento crítico se forme aí, tanto na escuta do que os mais jovens vêem e produzem a partir das tais “novas tecnologias”, como na oferta de algo mais, de alguma imagem inesperada que um programa de televisão mais elaborado pode colocar à nossa disposição. A ampliação do repertório pode configurar-se inclusive como o exercício de outras formas de recepção e apropriação dos próprios materiais cotidianos, presentes na mídia e fartamente consumidos por alunos e professores (p.198).

Portanto, considerando a popularidade e visibilidade do Show da Luna, em particular, na internet, a escolha de tal artefato para a análise pautou-se no fato de que este atua na difusão de conhecimentos, em particular, na área de Ciências da Natureza. Democratizar o acesso a produção e difusão da ciência bem como promover o protagonismo feminino neste processo, requer que, enquanto docentes, possamos nos apropriar das pedagogias culturais em circulação na mídia contemporânea. Além disso, requer considerarmos as crianças enquanto sujeitos do processo educativo, o que implica a escuta atenta de suas perguntas, curiosidades e conhecimentos adquiridos no contexto cultural e midiático no qual estão inseridas. Este é um dos desafios postos à educação na atual conjuntura.

CONSIDERAÇÕES

Conforme destacado anteriormente, a escolha do tema de pesquisa está articulada com os estudos e debates realizados no decorrer do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul IFRS/POA incluídos, por exemplo, no componente curricular denominado Mídias e divulgação científica. Além disso, na esfera do ensino, busca promover subsídios para incrementar as ações desenvolvidas no âmbito dos Projetos Integradores e estágios curriculares. No que tange a extensão, cabe destacar que o referido projeto se articula aos debates e estudos realizados junto ao Programa de Extensão Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPEGs) e Programa TRansENEM⁶, os quais ocorrem no Campus Porto Alegre e integram as ações afirmativas desenvolvidas institucionalmente.

Com base no exposto, a presente investigação aponta elementos para o para o aprimoramento das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza ofertado pelo IFRS - Campus Porto Alegre. O estudo aponta para a necessidade de enfocarmos a potencialidade da mídia enquanto pedagogia cultural contemporânea, em particular, no âmbito do ensino de Ciências da Natureza. Para tanto, na continuidade dos estudos está prevista a produção de sequências didáticas elaboradas a partir da exploração de conceitos científicos abordados pela personagem Luna nos episódios da 1^a temporada. Além disso, ao escolher o Show da Luna enquanto objeto de estudo, buscamos promover a visibilidade e protagonismo feminino na produção e divulgação de Ciências no contexto da Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, *Comitê Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil* [livro eletrônico]: TIC Kids online Brasil

⁶ Programa de Extensão desenvolvido pelo Coletivo Transenem e IFRS/POA desde 2016 visando o desenvolvimento de ações voltadas a promoção da inclusão (tanto no âmbito educacional quanto no mundo do trabalho) de pessoas da comunidade LGBTQI+.

2015/ Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. – São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. .



BRASIL, Ministério da Educação. *Resolução nº 2 de 01/07/2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.* Brasília, 2015.

BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. Relatório: *Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros.* Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação.* 3ª ed. Campinas: São Paulo. Editora Autores Associados, 2009.

BEVORT, Evelyne. BELONI, Maria Luiza. *Mídia e educação: conceitos e perspectivas.* Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em BRYANT, J. Alisson. Como se desenvolveu a indústria da mídia infantil? In: MAZZARELLA. Sharon (org.). Os jovens e a mídia: 20 questões. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 28-46.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELFRANCHI, Y., MANZOLI, F.; GOUTHIER, D.; CANNATA, In. *O cientista é um bruxo? Talvez não: ciência e cientistas no olhar das crianças.* In. Massarani, Luisa (ed.) *Ciência e criança: a divulgação científica para o público infantojuvenil/* Editado por Luisa Massarani. – Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008. Disponível em http://www.ciencias.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/46ciencia_criancan.pdf acessado em 05/03/2018.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). *Caminhos Investigativos III.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DORNELLES, L. V. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber.* 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. v. 1. 109.

FISCHER, R. M. B. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.* Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e Educação.* São Paulo: Editora Contexto, 2010.



SILVA, Fabiane Ferreira. *Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias*. Universidade Federal de Rio Grande, 2012. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde: Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSM.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura, Poder e Educação: Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Ulbra, 2005. 244p.

PRESTES, Liliane Madruga. *Enredadas na rede: jogos de menina (re)produzindo relações desiguais de gênero*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2014.

WORTMANN, Maria Lúcia. *Os estudos culturais e o ensino de Ciências*. In: SILVEIRA, Rosa M.H. Estudos culturais para professor@s. (org.). Canoas: Ed. Ulbra, 2008.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna & VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos Culturais da Ciência & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; RIPELL, Daniela; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isaia (Orgs.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: Instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 341p.

WALKERDINE, Valerie. *O raciocínio em tempos pós-modernos*. In: Educação e Realidade. 20(2), jul/dez 1995, p.207-226.

Recebido em 18/07/2019

Aprovado em 15/11/2018